

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA PANDEMIA NO ÂMBITO ESTADUAL

PROFA. DRA. DANIELLE GUGLIERI LIMA¹

RESUMO:

Esta pesquisa fundamenta-se na linha “Texto e discurso, nas modalidades oral e escrita”, de forma a visar à leitura e à produção de textos e discursos, sob o ponto de vista sócio-cognitivo-interacional, estando, pois, unida, especificamente, ao estudo do discurso da pandemia exposto no publicamente no site do Governo Estadual de São Paulo. Foram realizadas duas análises de posts deste governo sobre a perspectiva tridimensional da ACD. Este estudo conta, para a fundamentação teórica do levantamento bibliográfico e, para a escolha do corpus, mediante levantamento documental, retirados do site, com os estudos postulados por GIL (2002). Teoricamente busca conteúdo em diversos autores, mas se ancora nos estudos da ACD de Fairclough (1989) e (2001) bem como Kress e Hodje (1979) e Kress (1990), em menor escala. Como primeiros resultados se percebeu a dissonância entre os Governos Federal e Estadual (foco deste artigo) no tocante à questão da condução da pandemia e, adiante as perspectivas das dimensões de análise podem ser ampliadas e desdobradas em outros significados, explicitados linguisticamente, mas nem sempre absorvidos em uma leitura rápida.

Palavras-chave: Discurso, ACD. Pandemia.

ABSTRACT

This research is based on the line of “Text and discourse, vocal and written modalities”, in order to focus on reading, as well as text and discourse production from a social-cognitive-interactional point of view, alongside, specifically related to the study of the discourse about the pandemic openly portrayed at the São Paulo State Government’s website. Two government posts` studies were made about the tridimensional perspective of the ACD. In order to have a theoretical basis regarding the bibliographic references survey and to choose the corpus, considering the documentary survey extracted from the website, this paper counts on the studies of GIL (2002). Theoretically looks for content in various authors; however, it establishes itself upon the ACD studies of Fairclough (1989) and (2001) as well as Kress and Hodje (1979) and Kress (1990) at a smaller scale. As initial results it was noticed a dissonance between the Federal and the State Governments (this paper’s focus) concerning the management during the pandemic and, hereafter, the analysis’s scale is able to be developed and broaden in other perspectives and meanings, while linguistically explicit, not always fully absorbed by a brief reading.

Keywords: Discourse, ACD. Pandemic.

¹ Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP, Especialista em Marketing pela FGV e professora da Escola Superior de Administração e Gestão.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ACD surge, de fato, a partir de 1979, com um trabalho intitulado *Language and Control*, de Fowler, Hodge e Kress, o qual apresentou uma preocupação em entender o discurso como prática social.

Essa linha consiste em um estudo que tem o intuito de se opor, tanto às estruturas como às estratégias dos discursos das elites, pela voz das pessoas ligadas aos movimentos sociais contra o poder e a ideologia, de forma que Kress (1990, p.85) afirma que, “os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e de dominação”.

Melo (2009, p.9) aponta que:

O princípio norteador da ACD sustenta-se na noção de que o **discurso constitui e é constituído por práticas sociais**, sobre as quais se podem revelar os processos de manutenção e abuso de poder, por isso é função do analista crítico do discurso **difundir a importância da linguagem na produção, na manutenção e na mudança das relações sociais de poder e aumentar a consciência de que a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa sobre outra**, tendo em vista tal consciência como o primeiro passo para a emancipação. (Grifos nossos)

Os estudos focados na linguística sistêmico funcional, enfatizados pela Análise Funcional da Sentença, de Halliday (1970); as teorias de Gramsci (1971), que com base sociológica atribuíram, de fato, a preocupação com o social e o empoderamento do sujeito; e os estudos da escola de Frankfurt, que por meio dos estudos de Habermas (1984) e Bourdieu (1977), dentre outros, consistem nas bases da ACD, uma vez que esta surge do que se conheceu na década de 70, como Linguística Crítica.

Em contrapartida ao que se configurou ACD, destacam-se, ainda, Van Dijk (1997, 2010 e 2011), Kress e Hodge (1979) e Fairclough (2001). Para Van Dijk, (1997) as ideologias são sociais e políticas,

mas também assumem uma postura cognitiva, de forma a incorporar “objetos mentais, tais como ideias, pensamentos, crenças, apreciações e valores”.

Enquanto Kress (1990), se interessa pela semiótica sociais, Fairclough (2011), postula a orientação de textos para uma análise de discurso, a qual chama de ADTO, a ser apresentado aqui; no entanto, seria necessário que muitos posicionamentos fossem levantados, os quais não serão possíveis aqui, neste momento, mas é necessário que se fale, no mínimo, em duas abordagens discursivas, as críticas e as não críticas: “as abordagens críticas diferem das abordagens não críticas, não apenas pela descrição de práticas discursivas, mas, também, ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias”. (FAIRCLOUGH 2001, P.31)

Para que se estude e se utilize da ACD é importante destacar a necessidade de um trabalho interdisciplinar, de forma que este contribua para a compreensão adequada do modo, ou modos, como a linguagem acontece neste ou naquele evento social. Percebendo as questões interdisciplinares, bem como os contextos, que envolvem a linguagem, poder-se-á entender como a linguagem constitui e transmite o conhecimento social e como este está submetido ao poder de um discurso hegemônico, que permanece calcado na valorização maior do processo do que do produto.

De fato, o produto linguístico somente interessa na medida em que se estuda o momento em que é proferido, pois se a sociedade se modifica em termos sociais, culturais e comportamentais e a linguística é um reflexo destas mudanças, ao analista cabe verificar o composto do todo linguístico, e o produto é a materialização de tudo isto. Para tanto a investigação deste artigo está calcada em analisar, de acordo com a ACD o site dos posts públicos apresentados pelo governo do Estado de São Paulo, na semana do dia 25 de agosto.

1. O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL

Fairclough (2001) apresenta as múltiplas concepções existentes entre texto e discurso e define aquele como sendo uma porção ou dimensão do discurso, e este usado de forma muito ampla nos estudos da análise social em

diferentes tipos de linguagens, em diferentes tipos de situação social, uma vez que, para ele os discursos não só refletem as identidades sociais, mas as constroem ou as constituem.

O discurso está calcado em mudanças sociais e reflete as condições humanas neste processo. A análise do discurso em geral e, principalmente, no que defende o autor em questão está calcada em um estudo tridimensional, o qual abarca o

discurso, dividindo-se em: textual, que considera questões como vocabulário, estrutura e coesão; a prática discursiva, que se preocupa em quando, como e onde o discurso foi produzido e a prática social, que está ligada à como este discurso é consumido. Tal estrutura pode ser contemplada na Figura 1, conforme a ilustração apresentada por Fairclough (2001, p.101) intitulada Concepção Tridimensional do Discurso, na figura 1.



Figura 1: Concepção Tridimensional do Discurso
Fonte: Fairclough, 2001 p.101

Fairclough (2001) apresenta os pontos norteadores de cada dimensão postulada por ele, em forma do quadro que nomeia como “Categorias

analíticas propostas no modelo tridimensional”, representadas no quadro 1:

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual	Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade	Ideologia Sentidos Pressuposições Metáforas Hegemonia Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas.

Quadro 1: Categorias analíticas propostas no Modelo Tridimensional
Fonte: Fairclough, 2001

A primeira dimensão, como se percebe, é o texto, que constitui o ponto primordial para a ACD, de forma que a análise discursiva se organiza, inicialmente, em torno do vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Para a análise da prática discursiva é proposta a divisão em três partes compostas pela força dos enunciados, a coerência e a intertextualidade dos textos. Esses elementos reunidos constituem um quadro para análise textual. Para Resende & Ramalho, (2011, p. 28)

A Teoria Social do Discurso trabalha com um modelo que considera três dimensões passíveis de serem analisadas (Fairclough, 2001), ainda que essas três dimensões possam estar dispersas na análise (Chouliaraki e Fairclough, 1999). A *prática social* é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A Natureza da *prática discursiva* é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos.

A segunda dimensão, calcada na prática discursiva é relativa à produção, distribuição e consumo do discurso, assim, a natureza dos diferentes tipos de discurso e a inserção dos fatores sociais varia na prática discursiva que envolve o processo de produção, distribuição e consumo textual.

O processo de produção textual é realizado de forma particular em um determinado contexto social específico, o qual implicará o que se pode chamar de análise da prática social, ou seja, a forma como o texto será produzido e/ou consumido; podendo ser este, um consumo individual ou coletivo.

A produção de um texto ocorre de forma inconsciente, formatada por estruturas sociais que já estão instaladas e de certa maneira são revestidas de forma política e ideológica. Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos: de um lado, pelos recursos internos disponíveis, que são as estruturas sociais estabelecidas, de outro, pela

natureza específica da prática social em que se está inserido.

Na produção, o que é enunciado pelo discurso tem o poder de ratificar, confirmar ou legitimar o que foi dito. Nessa perspectiva, Fairclough (2001) institui o contexto da situação como um dos aspectos sociocognitivos da produção e da interpretação. Para interpretar a força de um enunciado considera-se uma inter-relação entre pistas e recursos dos membros.

A terceira dimensão não só, reproduz as práticas sociais, mas também as transforma. Nessa concepção, o discurso passa a ser visto como uma ação social com relações de ideologia e poder.

Esta proposta, pois, traz implicações: primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, de agir sobre outros; segundo, implica uma relação entre discurso e a estrutura social; e por fim, implica o discurso ser moldado e restringido pela estrutura social.

É lícito que o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social. Deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo.

A significação de um texto, segundo ele, é intrínseca às condições sócio-históricas provenientes de sua produção e consumo e estabelece a própria constituição do discurso, de forma que este contribua para determinar e fixar novas práticas, podendo ser entendido como forma de ação social.

Fairclough (2001:91) expõe os efeitos construtivos do discurso, pois, segundo ele: “o discurso contribui para a construção de identidades sociais, para a construção de relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.” Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina “linguagem identitária”, “relacional” e “ideacional”

Para tanto, o referido autor (id) propõe um possível método para analisar o discurso e entender a questão social e comenta quatro condições: a criação de um método para análise multidimensional, um método de análise multifuncional, um método de análise histórica e, por fim, um método crítico.

Para se entender o discurso, é preciso conhecer o contexto em que ele está inserido, assim como para se entender uma prática discursiva, é preciso que se analisem as mudanças sociais e culturais.

Para a execução da análise discursiva Fairclough (2001. p.126) posiciona que “por um lado, precisamos entender os processos de mudança como ocorrem nos eventos discursivos. Por outro lado, precisamos de uma orientação relativa à maneira como os processos de rearticulação afetam as ordens do discurso”.

2. A ESCOLHA DO CORPUS

A primeira abordagem se dará no print de tela inicial do site, em que fica perceptível que a maioria dos assuntos são recorrentes às questões advindas da COVID – 19.

Esta reincidência quer dizer que este é um assunto de muita importância para o governo, pois isso molda e é moldado pela sociedade.

Para entender melhor o porquê desta escolha é preciso relembrar a campanha presidencial, em que Jair Bolsonaro era candidato pelo PSL e João Dória, candidato à governador do Estado de São Paulo pelo PSDB. Neste momento se mostravam aliados, pois em outubro de 2018, ao ver a popularidade de quem seria o futuro presidente crescer, João Dória, aspirante à governador fazia questão de investir no que ele chamou de dobradinha “Bolsodoria”, momento em que o candidato desfilou com a camiseta e o discurso de apoio ao candidato à presidência; No entanto, a dobradinha não durou muito tempo, pois em outubro de 2019, um ano depois, o já governador eleito disse ao site www1.folha.uol.com.br² “Bolsodoria foi na campanha e a campanha já acabou”. Esta mudança de discurso é algo que chama a atenção e que permanece alguns meses depois em que o mundo é assolado pela pandemia denominada COVID-19.

Sabe-se que a postura do presidente da república é confusa com relação ao que acontece, e por vezes, em alguns de seus discursos parece não apontar a pandemia como um verdadeiro problema. Neste momento que que dobradinha “Bolsodoria” se rompe, é o momento de o Governo do Estado apresentar hegemonia nas suas decisões e, para tanto, se mostra contrário aos apontamentos que vêm do governo Federal.

Para que o estudo flua e não fique muito extenso, serão analisados dois, dos quatro posts

em questão, mediante a perspectiva tridimensional postulada pelo Fairclough. Por uma questão de dimensão deste estudo serão abordados apenas as capas das notícias, e não o seu conteúdo interior.

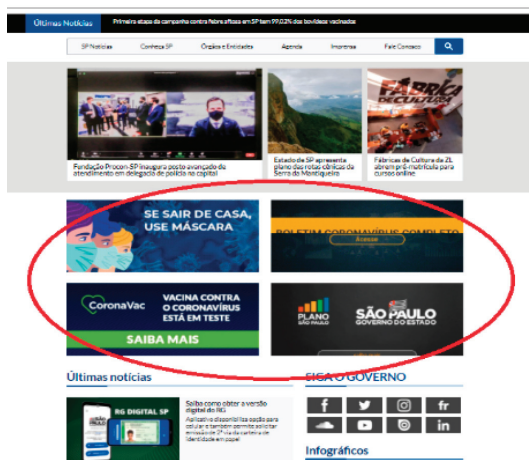


Figura 2: Site do Governo do Estado de São Paulo

Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/> Acesso em 25/08/2020. 16:17

Antes de se iniciar a análise de cada um dos posts se faz necessário dizer que há, de certa forma uma coerência entre os textos apresentados, de forma que o primeiro post apresenta a importância do uso da máscara, negligenciada pelo presidente, seguido do panorama da COVID, que muitas vezes não apresenta dados atuais pelo governo Federal. Estes serão analisados, e são seguidos de dois outros que não terão este tratamento aqui, não porque não são importantes, mas porque é inviável fazê-lo. No entanto vale ressaltar a título de curiosidade que o segundo post é seguido de uma notícia sobre uma vacina, que seria parceria do governo do estado com o Instituto Butantã, enaltecendo, de certa forma a pesquisa e contrapondo aos ideais do governo federal em que a ciência não é mais importante nesta luta, finalizando com o post que explica como serão realizadas as retomadas das cidades no Estado de São Paulo, que surge como uma espécie de alívio ao que tange a questão da economia. Não se quer aqui, de maneira nenhuma, tomar partido por um governo ou outro, apenas o que se apresenta é uma análise linguística dos fatos.

² O site completo está se encontra nas referências, no final deste estudo.

3. A ANÁLISE DO CORPUS

Para que as análises sejam realizadas de maneira tridimensional será utilizado o quadro 1,

denominado categorias analíticas propostas no Modelo Tridimensional. Serão analisados na ordem considerada aqui, na sequência já descrita no item 2, a saber: Post máscara e Post boletim coronavírus.



Figura 3: Post Máscara

Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/>

Optou-se aqui por analisar as três dimensões em um quadro específico para que o leitor tenha um

melhor entendimento da teoria aplicado à prática. Tal análise é apresentada na figura denominada 4.

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
<p>Vocabulário: utilização de palavras de fácil acesso;</p> <p>Gramática: uso da condicional “se” indicando que a orientação é justamente oposta. Há a utilização de verbos no imperativo, “use” que indica a obrigatoriedade do uso da máscara e “saiba”, o que de certa forma exime o enunciador que que pode acontecer caso a máscara não seja usada devidamente.</p> <p>Coesão: a coesão é claramente anafórica entre os verbos de forma que o “saiba” se remete ao verbo</p>	<p>Produção: texto produzido pelos departamentos do Estado de São Paulo.</p> <p>Distribuição: nacional e pública, pelo site.</p> <p>Consumo: direto para quem se interessa em saber os posicionamentos e diretrizes do governo.</p> <p>Contexto: cinco meses de vivência na Pandemia</p> <p>Força: é um texto forte para a chamada do uso da máscara, a qual inicialmente não era necessária e em determinado momento se fez obrigatória.</p> <p>Coerência: há coerência</p>	<p>Ideologia: oposição ao Governo Federal, visto que o governante máximo é visto, desde o início da pandemia sem o artefato. Conforme o site da Agência Senado.</p> <p>Sentidos: embora a economia esteja quebrada, vidas são mais importantes para o site do governo Estadual.</p> <p>Pressuposições: os sentidos nem sempre são reais, mas sempre vem ao encontro do que a população quer ouvir. Servem mesmo para mostrar contrariedade</p>

“use” e também catafórica ao que diz respeito ao enunciado posterior.

Estrutura textual: é simples e em ordem direta, o que facilita o entendimento.

com a temática, linguagem e imagens.

Intertextualidade:

como intertextos estão presentes vários discursos, mas o de maior importância aqui é a dissonância do governo do Estado com o governo Federal, apresentando o rompimento de ideologias por tomada de decisões adversas do que prega o chefe da nação.

para com sistema, ainda que não seja um discurso verdadeiro por parte do governador.

Metáforas: não constam neste post.

Hegemonia: a hegemonia do chefe de Estado do Governo Estadual se sobrepõe, ainda que de maneira duvidosa, ao chefe do Governo Federal e mediante à população. Quanto às **orientações econômicas**, há a clara ênfase de que no momento a economia não é o foco principal desta crise causada pelos fatos; em termos de política, há a dissonância entre dois antigos aliados; **culturalmente**, o discurso representa que é preciso mudar o paradigma para vencer a doença, e alcançar a popularidade que vem sendo perdida pelo governo Federal e se apresenta como um primeiro ponto para tal, que é o uso da máscara; **ideologicamente** o chefe de governo quer estar cada vez mais longe das ideias de seu antigo aliado, posto que, politicamente há uma rejeição pelos atos presidenciais que podem afetar a popularidade do governador no caso de aliança, mas fortalecê-lo no caso de uma disputa entre ambos.

Figura 4: Análise do Post³

3 O presidente Jair Bolsonaro, porém, vetou a obrigatoriedade do uso da máscara de proteção individual em órgãos e entidades públicas e em estabelecimentos comerciais, industriais, templos religiosos, instituições de ensino e demais locais fechados em que haja reunião de pessoas. Ao justificar os vetos, o Planalto alega, entre outras razões, que a obrigatoriedade “incorre em possível violação de domicílio”. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/03/bolsonaro-veta-uso-obrigatorio-de-mascara-no-comercio-em-escolas-e-em-igrejas>

A seguir está inserida a figura 4, para a próxima análise, conforme descrito, anteriormente, nas

considerações iniciais deste artigo.

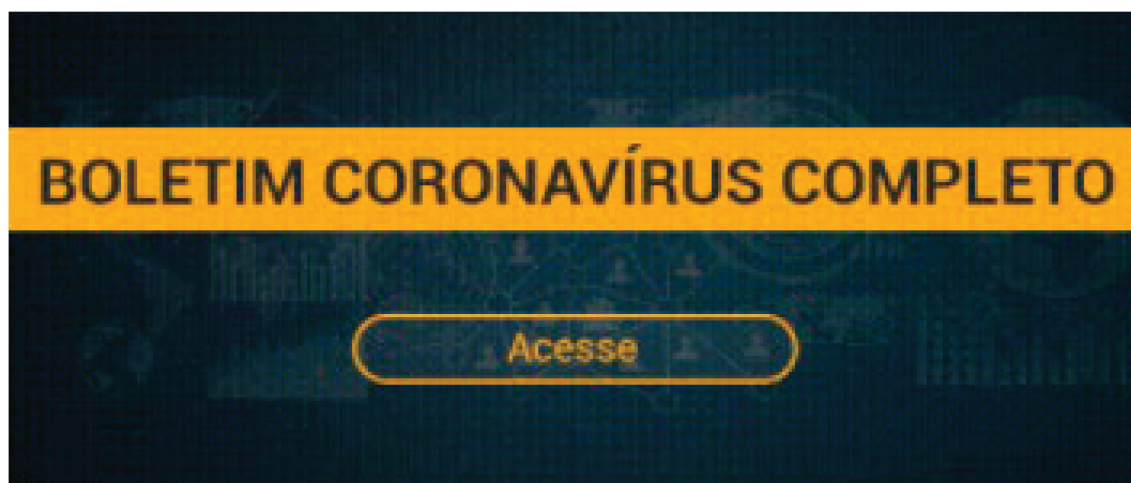


Figura 4: Post boletim coronavírus

Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/>

Da mesma forma que a análise anterior, optou-se por analisar as três dimensões em um quadro específico para que o leitor tenha um melhor

entendimento da teoria aplicado à prática. Tal análise é apresentada na figura denominada 5.

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
<p>Vocabulário: utilização de palavras de fácil acesso;</p> <p>Gramática: Não há uma oração completa em “Boletim Coronavírus Completo”, mas novamente há um verbo no imperativo que sugere que a informação seja acessada.</p> <p>Coesão: a coesão é claramente anafórica, pois o verbo “acesse” se remete à sentença explicitada anteriormente.</p> <p>Estrutura textual: é simples e em ordem direta, o que facilita o entendimento.</p>	<p>Produção: texto produzido pelos departamentos do Estado de São Paulo.</p> <p>Distribuição: nacional e pública, pelo site.</p> <p>Consumo: direto para quem se interessa em saber os posicionamentos e diretrizes do governo.</p> <p>Contexto: cinco meses de vivência na Pandemia</p> <p>Força: é um texto forte que sinaliza para a transparência do Governo Estadual, com relação aos relatórios disponibilizados a toda a população, fazendo contraponto com notícias em que o Governo</p>	<p>Ideologia: oposição ao Governo Federal</p> <p>Sentidos: seriedade da crise; transparência e agilidade nas informações; apoio de 25 Estados brasileiros.</p> <p>Pressuposições: há a pressuposição de que se aliar a outros Estados para produzir um material verdadeiro, visto que para o site do G1, idem à nota 2 “A iniciativa foi tomada após o governo Jair Bolsonaro começar a omitir dados que vinham sendo divulgados desde o início da pandemia.”</p>

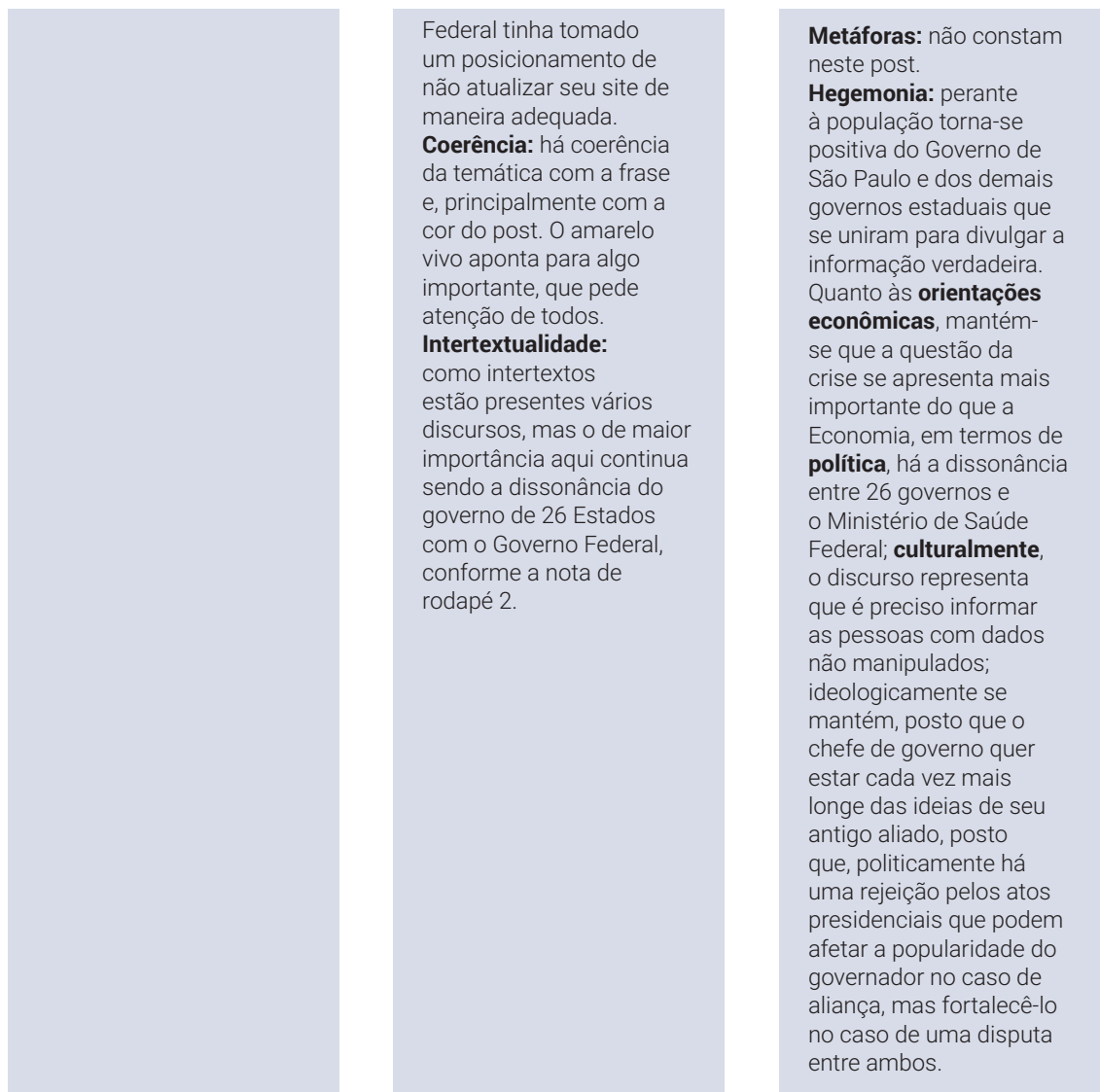


Figura 5: Análise do Post⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos e suas práticas refletem questões muito mais amplas do que se vê em sua superfície. Consistem, pois em lacunas a serem preenchidas, por leitores considerados proficientes. Obviamente que um leitor sem maturidade de leitura não consegue atingir o patamar mais profundo de

uma interpretação, desta forma é que acontecem as manipulações pelos aparelhos ideológicos do Estado, já citados e estudados por Althusser (2001).

A primeira dimensão do estudo do texto, que diz respeito ao texto, se apresenta de maneira clara

4 O Conselho Nacional dos Secretários de Saúde, que reúne os gestores dos 26 estados e do Distrito Federal, inaugurou neste domingo (7) um portal "paralelo" para divulgar os dados da pandemia de coronavírus no país. Segundo a entidade, os dados serão atualizados diariamente às 17h – horário em que os dados são enviados ao Ministério da Saúde para consolidação do boletim nacional. Desde a última quinta (4), o governo federal passou a divulgar os dados só ao fim da noite, depois das 21h30. Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/07>.

e bem objetiva, utilizando uma linguagem muito simples e bem ordenada, de fácil entendimento para o povo, no que tange às estruturas trabalhadas: vocabulário, que é conhecido de todos; gramática, em ordem direta; coesão, geralmente anafórica, para evitar deslizamentos de compreensão; e estrutura, em ordem direta.

No entanto, a segunda dimensão, denominada prática discursiva, apresenta-se mais profunda, uma vez que mostra, como o estado mais rico do Brasil, muitas vezes exemplo para os outros estados da federação, está enfrentando os meses de pandemia. Essa apresentação de dados da saúde se faz não só em âmbito estadual, mas em âmbito federal, contrapondo dados ou a falta deles em um momento tão delicado vivido por todos.

Na terceira dimensão, que se trata de esfera social, a análise apresenta a ideologia das comunicações em alta. É possível entender que no discurso estadual as vidas valem mais do que a economia, que tem sua retomada defendida ferrenhamente pelo ministro Paulo Guedes e seu presidente; que a omissão de dados no site federal priva a população de dados reais; e por fim, enaltece a todos os leitores proficientes que a informação real talvez nem exista para as pessoas comuns.

O que se percebe deste movimento é que elementos de texto, prática discursiva e prática social, em tese, apresentam um movimento de oposição entre os dois chefes de governo (Estadual e Federal), uma vez que o governador, ao se aliar à popularidade do, na época, candidato à presidência, Jair Bolsonaro, se mostrava afinado com tais ideias deste.

Com esta exposição e estudo que está no texto, na superfície textual, pode-se entender que a leitura pautada na ACD é uma forma de extrapolar as informações e, muitas vezes apresentar um texto que possui muito mais do que elementos escritos, explícitos e, como já apresentado pelos teóricos, é intuito mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e de dominação. (KRESS, 1990)

A leitura com o conhecimento de ACD permite a liberdade de interpretação, que se justifica pelos elementos descritos. Obviamente que todos os contextos discursivos e sociais em que esses textos acontecem fazem parte da de tal

análise, mas é a língua, as escolhas vocabulares, estruturas e ferramentas disponíveis presentes no texto é que fundamentam a ideia principal do que é comunicado.

Neste ponto de vista acredita-se que, finalmente esses contrapontos servem para mostrar à população que consegue enxergar, que mais do que uma preocupação com os mortos deixados por essa pandemia, ou com cuidados a serem tomados, ou ainda, uma preocupação com a estruturação econômica do país, a preocupação é política e está muito atrelada às próximas eleições que ocorrem em breve. Percebem-se, pois os movimentos cíclicos de aproximação e de repulsa entre dirigentes de esferas, que por vezes podem parecer ocultados, mas estão pulsantes e vivos, para quem tiver olhos para ver.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 8.ed, Rio de Janeiro: Graal, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans les discours. In: DRLV p Revue de Linguistique, v,26, p.91-151, 1982.

_____. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Trad: C. M. Cruz e J. W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, p.25-41, 1990.

AUSTIN, J.L. Quando Dizer é Fazer. Palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochnikov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Trad. R, Nice. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

GIL, Antonia Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas. 4ed. 2002.

HABERMAS, J. *Theory of communicative action*. v1. Trad. T McCarty, Londres: Heinemann, 1984.

HALLIDAY, M.A.K. Language Structure w Language Function. In: LYONS, J. *New Horizons Linguistics*. London: Pinguin Books, p. 140-165, 1970.

_____ & HASAN, R. *Language, Context and Text: Aspects of language in a social –semiotic perspectiv*. Oxford University Press, 1989.

KRESS, G. *Critical Discourse Analysis*. In: W. G. (Org.) *Annual Review of Applied Linguistics*, v.11, p. 84-89, 1990;

_____ Language in the media: the construction of the domains of public and private. *Media, Culture and Society*, v.8, p. 395-419, 1986.

KRESS, G & HODGE, R. *Language as ideology*: Londres, Routledge, 1979.

LACAN, J. *O Seminário*, Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. 2004.

MALDIDIER, D. Éléments por une historie de l'analyse du discours em France. In: GUILHAUMOU, Jacques et ali. *Discours et archive. Expérimentations en analyse du discours*. Liège: Mardaga, 1994.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso: uma análise crítica da linguagem Análise Crítica do Discurso: uma proposta para análise crítica da linguagem. In: IX CNLF, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm> Acesso em 03/05/2014. 23h32min.

VAN DIJK. Teun. Semântica do discurso, In: Pedro. E. R. (Org.) *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsodoria-foi-na-eleicao-e-campanha-acabou-diz-doria>.

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/07/secretarios-de-saude-lancam-site-com-divulgacao-paralela-de-dados-da-covid-19-e-atualizacao-as-17h.ghtml>

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/03/bolsonaro-veta-uso-obrigatorio-de-mascara-no-comercio-em-escolas-e-em-igrejas>

